

O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



RUBENS

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro*.—Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.^{mo} Bispo de Carthagera*.—Secção Critica: *As egrejas d'outr'ora*, pelo Padre Joaquim José Soares.—Secção Necrológica, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica, por A. Moreira Bello.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Rubens; Fachada da Igreja dos Padres Jesuitas em Barcelona*.

EXPEDIENTE

A empresa do «Progresso Catholico» agradeço, muito reconhecida, aos senhores assignantes que tiveram em consideração o seu pedido, e mandaram satisfazer o importe de suas assignaturas em atraso. D'aquelles, porém, que ainda não mandaram pagar, espera confiadamente a empresa que o façam o mais breve possível. O «Progresso Catholico» tem despesa certa e avultada, e se os senhores assignantes não pagarem pontualmente, serão muitas as difficuldades que criam á empresa.

SECÇÃO RELIGIOSA

O episcopado brasileiro

PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis da Igreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

II

CONSIDEREMOS agora o decreto por outra face, em quanto elle franquea liberdade a todos os cultos ao mesmo tempo que á Igreja Catholica.

Não pôde, primeiramente, deixar de nos causar magua, dignos cooperadores e filhos dilectissimos, vêr essa Igreja que formou em seu seio fecundo a nossa nacionalidade, e a criou e avigorou ao leite forte de sua doutrina; essa Igreja que deu-nos apóstolos, como os de que mais se honraram os seculos christãos, varões estupendos de coragem e abnegação, que penetraram em nossas immensas florestas, navegaram rios desconhecidos, palmearam sertões desertos, transpuzeram escarpadas serranias, e, armados só da Cruz e do Evangelho, lá foram reduzir e conquistar, como de feito reduziram e conquistaram, á força de brandura e de amor, tão numerosas gentilidades; essa Igreja que sagrou desde o principio a frente do Brazil com a uncção da fé e o baptisou com o formoso nome—*Terra de Santa Cruz*—porque á sombra d'este estandarte do christianismo havia o Brazil de medrar, de manter a sua unidade politica no meio das invasões, de prosperar, de engrandecer-se até vir a ser, como já é, a primeira potencia da America do sul; essa Igreja que ornou as nossas cida-

des de monumentos religiosos, que levantou por toda a parte hospitaes, recolhimentos, asylos, collegios, escolas litterarias, de onde sahiram escriptores como Vieira, latinistas como Cardoso, prelados como os dous Romualdos, Viçoso e D. Antonio de Mello; sabios como frei Marianno Velloso, oradores como Montalverne, poetas como Caldas e Durão; vêr essa Igreja, dizemos, que tem acompanhado toda a evolução de nossa historia, que tem tomado sempre parte em todos os nossos grandes acontecimentos nacionaes, confundida de repente e posta na mesma linha com algumas seitas heterodoxas, que a alluviação recente da immigração européa tem trazido ás nossas plagas!

Ah! que pudêra com razão a Igreja do Brazil, affrontada e sentida d'este ingrato proceder, applicar a si aquella queixa do rei propheta: *Factus sum sicut homo sine adjutorio, inter mortuos liber*. Eu, senhor, estou feita uma pessoa desamparada e sem nenhum socorro, livre sim, mas ao mesmo tempo confundida com seitas erroneas, votadas á dissolução e á morte: *Factus sum sicut homo sine adjutorio, inter mortuos liber*. (1)

Ora, em verdade parece que se de-vera attender mais á situação legitimamente adquirida pelo catholicismo n'esta parte da America. O facto ahi está: somos cerca de doze milhões de brasileiros, e d'estes, segundo os calculos sem duvida exaggerados dos nossos proprios adversarios, obra de quinhentos mil apenas, pensam livremente sobre religião ou pertencem a communhões religiosas dissidentes. Assim onze milhões e quinhentos mil catholicos de um lado, quinhentos mil catholicos de outro! Tal é a situação.

Ora bem; a minoria, a minoria imperceptivel clama: «Tire-se toda a proeminencia á religião catholica n'este paiz e seja ella privada de qualquer privilegio! Seja rebaixada da categoria de religião do Estado e do povo brasileiro! Não olhe mais de ora em diante para ella o governo, e trate-a como se não existisse.» E a religião de todo o povo brasileiro, a religião de toda a nossa nação ha de ser rebaixada, ha de ser desaposada do throno de honra que ha tres seculos occupava, para ser posta na mesma esteira de qualquer seita adventicia!

Mas onde está então o poder decisivo das maiorias? Como?

(1) Psal. LXXXVII, 6.

A maioria decide soberanamente de tudo no mundo da politica; decide da constituição e da forma do governo nos Estados, decide das leis no parlamento, decide das sentenças nos tribunaes; por toda a parte a maioria é consultada; a maioria é respeitada; a maioria é obedecida; tem, emfim, imperio incontestavel, é lei e lei soberana que a todos se impõe, a maioria. Só quando se trata da religião e dos interesses sagrados que a ella se prendem, é que vemos trocados os estylos; subvertido, calcado aos pés, não levado em conta alguma o principio, tão proclamado pelo liberalismo moderno, da soberania do numero, do poder incontrastavel das maiorias. Pois a nação brasileira em peso não quer que sua religião seja respeitada, que sua religião seja protegida, que sua religião seja sustentada pelos poderes publicos, ainda que liberdade se dê, leal e ampla, aos outros cultos!

Quer sim, quer por certo isto a nação, mas não foi attendida.

Não foi tambem attendida—e isto é mais grave—a doutrina catholica.

A doutrina catholica ensina-nos, dignos co-operadores e filhos dilectissimos, que o typo ideal da perfeição social não consiste na multiplicidade das seitas religiosas e na tolerancia universal d'ellas, mas sim na unidade perfeita dos espiritos pela unidade da mesma fé dentro do gremio do universal rebanho de Christo: *Unum ovile et unus Pastor* (1). Conscia da divina missão que lhe incumbe, de realisar, quanto é possivel sobre a terra, este sublime ideal evangelico, sustentará sempre a Igreja o direito que ella só tem á protecção dos Estados e condemnará o systema de indiferença que pretender collocar a no mesmo nivel de egualdade com as seitas e religiões falsas.

Nem se concebe que a verdadeira Igreja desista de tão sagrado direito, que é sua razão mesma de existencia.

Estudemos um pouco á luz do Evangelho a natureza, a constituição, o escopo d'esta admiravel sociedade. Não é uma associação fortuita feita ao libito da vontade humana, como as sociedades politicas, financeiras, industriaes, a que o homem dá a forma que lhe apraz; é criação do Homem Deus, e que devemos aceitar tal qual elle a concebeu e executou.

Vemos irem apparecendo no Evange-

(1) Joann. X. 16.

lho os lineamentos d'esta instituição, cada vez mais accentuados até sua forma derradeira e definitiva.

1.º Jesus-Christo escolhe e chama os Apostolos, por onde indica já bem claro a tenção de espalhar sua religião em todo o mundo por meio de emissarios, de enviados seus—que isto quer dizer apostolos—e para esta grande obra os vai já dispondo e aparelhando.

2.º Durante esta preparação communicamos Jesus cada vez com mais clareza os seus designios, e estabelece entre elles uma ordem hierarchica.

3.º Enfim realisa os seus planos, confere-lhes os seus poderes, fal-os depositarios de sua auctoridade divina. para em seu lugar, quando Elle não estiver mais sobre a terra, pré-garem, baptisarem, reunirem todos os homens em seu grande reino, e o governarem em seu nome. (1)

Esta criação de uma sociedade, sem pre viva e publica para o ensino autentico e a pratica segura da religião até o fim dos seculos, é uma prova da immensa sabedoria de Christo, que bem conhecia a humanidade e as exigencias d'ella. O homem é um ente ensinado. Na sociedade e pela sociedade aprende tudo. Os elementos de sua vida intellectual e moral no trato social os desenvolve. Sem duvida só com a sua razão pôde elle elevar-se ao conhecimento das primeiras verdades, da existencia e unidade de Deus, immortalidade da alma e outras semelhantes; mas tambem é certo que o conjuncto dos homens não poderia chegar a conhecer *perfeitamente, de modo completo* estas mesmas verdades naturaes sem o adjutorio do ensino recebido na sociedade. Por maior de razão, o conhecimento da religião revelada, das relações positivas livremente estabelecidas por Deus para encontrar-se com o homem, unir-se a elle, santificá-lo e fazel-o participante de sua gloria, o homem o terá por meio de uma sociedade, divina e humana, espiritual e visivel, accessivel a todos, prolongamento de Christo Deus-homem, destinada a continuar a obra da redempção do genero humano atravez das vicissitudes do tempo.

A forma de sociedade, uma constituição social, era pois indispensavel. O christianismo ha de ser a Igreja. A Igreja ha de ser o christianismo. Um não se separará do outro; antes formarão a mesma entidade, unidos, inseparaveis, conglutinados, confundidos na mesma vida, mais ainda que a alma de Jonathas e a alma de David.

Nunca haverá no mundo christianismo puramente especulativo, theorico, especie de philosophia suspensa nos

ares ou encerrada em um livro, entregue ao exame e ás especulações da razão privada. O christianismo estará eternamente encarnado, concretizado na grande sociedade espiritual, na Igreja. Sua vida, sua acção, todo o seu desenvolvimento historico revestirá a forma social, e realizar-se-á na Igreja e pela Igreja.

Assim instituiu Jesus-Christo a sua religião com a forma essencial de uma sociedade, a Igreja.

Elle mesmo determinou os elementos constitutivos d'ella—que são os de toda a sociedade—a saber: os membros, o fim, os meios, o poder. (1)

Todos os homens são chamados e devem pertencer ao gremio d'esta Igreja de Christo, todos os homens, de todas as tribus, linguas e nações, habitantes das ilhas e dos continentes, das regiões hyperboreas e das zonas mais ardentes do globo; a humanidade toda, não isoladamente, individuo a individuo, mas emquanto forma nacionalidades, povos, governos, quaesquer que sejam suas formas politicas—monarchia ou republica, aristocracia ou democracia—que com todas essas formas se accommodará e viverá a Igreja. Eis os membros.

Elles devem tender todos a um fim sobrenatural, que é, como já dissemos, a santificação das proprias almas, remindo cada um a sua da escravidão do vicio e do peccado, com auxilio da graça: regenerando-se, aperfeiçoando-se moralmente na vida presente, no meio das obscuridades do tempo, para serem depois glorificados com a posse e o gozo do bem supremo nos esplendores da eternidade. Eis o fim.

Sendo este sobrenatural, os meios tambem deverão sel-o, a fé e a graça. A fé, sem a qual é impossivel agradar a Deus (2), e que deve ser professada em publico (3), transmittir-se-ha pelo ouvido: o ouvido que receberá a palavra de Christo (4); porém não de qual quer parte, de interpretes novadores, hereticos, adventicios (5), mas de pré-gadores auctorizados, revestidos de legitima missão da Igreja, segundo a ordenação de Christo (6). A graça, que se transmitta ás almas ainda por canaes sensiveis, a oração e os sacramentos (7). Eis os meios.

(Continua).



(1) Vid. *L'Eglise et l'Etat ou les deux puissances*, pelo C. Moulart.

(2) Hebr. XI. 6.

(3) Rom. X. 10.

(4) Ibid. 17.

(5) Tit. III. 10. Ibid. I. II.

(6) Rom. X 14, 17.

(7) Joan. XV, 5. Luc. 21—36. Marc. XVI, 16. XX, 40.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Liberalismo

Carta pastoral do Ex.º Bispo de Carthagena

(Continuado do n.º 19)

XIV

Maior e mais horrivel abominação dos que julgam poderem ser liberaes sem deixarem de ser catholicos.

COMO o Anjo de Ezequiel (1), vos temos mostrado as abominações e idolatrias do Liberalismo em seus tres graus; o culto excessivo da liberdade, figurada no idolo do zelo, que o Propheta vira no atrio exterior; as doutrinas naturalistas, materialistas nas aves, reptis e animaes de todas as especies, que eram a abominação da familia de Israel; as doutrinas praticas ou moraes, que não reconhecem nem assignalam ao homem outro fim ultimo que o gozo material e sensivel, figuradas ao vivo pelas mulheres que chorravam Adonis, o deus das obscenidades e lascivias; mas ainda restam abominações maiores, certe adhuc vilebis abominationes majores his. A ultima maior abominação que o Propheta viu foi a que commettiam dentro do templo, entre o vestibulo e o altar, vinte e cinco anciãos, que estavam de costas voltadas para o altar do Senhor e os rostos para o Oriente adorando o sol que nascia; os quaes, depois de haverem enchido a terra de iniquidade, applicam um ramallete ao seu olfacto, isto é, jactavam-se e vangloriavam-se de serem adoradores do verdadeiro Deus.

Pois eis aqui a maior e mais horrivel abominação que commette o Liberalismo contemporaneo. Referimo-nos aos que pretendem harmonisar o Liberalismo com o Catholicismo; áquelles que dizendo-se catholicos, e vivendo apparentemente como taes, voltam todavia as costas ao tabernaculo e a Deus, para offerecerem incenso ao sol que nasce hoje allumiando os horisontes sociaes.

Importa, pois, veneraveis irmãos e amados filhos, que vos digamos alguma cousa, ao menos brevemente, sobre outras duas formas de Liberalismo, tanto mais quanto ellas estão muito em voga em nações catholicas e que privam muito com a Hespanha, que é a nação catholica por excellencia.

Com quanto propriamente fallando não constituam graus nem especies de Liberalismo, por isso que os seus adeptos não professam formalmente o

(1) Eccl., XXIV, 19.

(1) Vid. Labis, *Le libéralisme et l'Eglise Catholique*.

credo liberal, são, ainda assim, estas duas formas perigosas, mais nocivas ainda que o proprio *Liberalismo radical*.

A primeira é o erro d'alguns catholicos, bons crentes, de vida morigerada. Creem estes firmemente quanto a Igreja catholica propõe e ensina a seus filhos, mas ao mesmo tempo julgam erroneamente que podem ser liberaes sem deixarem de ser catholicos. Miopes de talento, não chegando a comprehender como as consequencias atrás indicadas estão contidas no principio fundamental do *Liberalismo politico*, persuadem-se de que não é este o *Liberalismo* pintado com negras côres, e perseguido pela Igreja de Christo com seus terriveis anathemas.

A mesma miopia intellectual, junta com muita ignorancia e pouca reflexão, contribuem não pouco para mais se firmarem na persuasão erronea. Vendo que a Igreja, representada por seus Pastores, e sobre todos elles pelo reverendo Pontifice, vive em relações com os governos liberaes, e que ajusta às vezes com elles as bases para implantar na sociedade a liberdade de cultos, o casamento civil, a abolição do fóro ecclesiastico e outras cousas d'este jaez, não sabendo distinguir a theoria da pratica, a these e a hypothese, como agora se diz, julgam em boa fé que a Igreja approva as doutrinas liberaes, e que as abençoa, quando a piedosa Mãe, com pranto nos olhos e profunda dôr no coração, o que faz é tolerar e permitir o que as circumstancias pedem, ou a impiedade reclama, obrigada e constrangida por altissima prudencia, e com o fim d'evitar maiores males. Bem poderiamos applicar a estes o que do seu povo dizia Moysés: *Gente é esta sem conselho e sem prudencia. Oxalá tivessem sabedoria e intelligencia, e previssem aonde conduzem as suas doutrinas!* (1) Oxalá attendessem e entendessem os ensinamentos do immortal Pontifical!

«Apesar de tudo, diz elle, a Igreja toma em consideração maternalmente o grave peso da humana fraqueza, e não ignora o curso dos animos e dos successos porque vae passando o nosso seculo. Por esta causa, e sem conceder o menor direito, senão somente ao verdadeiro e honesto, não regeita que a auctoridade publica soffra algumas cousas alheias de verdade e justiça, para evitar um mal maior, ou conservar maior bem. Até o mesmo Deus providentissimo, com ser a infinita bondade e todo-poderoso, permite que haja males no mundo, uns

«para que não se impeçam maiores bens, outros para que se não sigam maiores males. Justo é imitar no governo da sociedade aquelle que governa o mundo: e ainda pela mesma razão de que a auctoridade humana não pode impedir todos os males, deve conceder e deixar impunes muitas cousas, que hão ser, todavia, castigadas pela Divina providencia e com justiça (1). Mas em taes circumstancias, se por causa do bem commum, e só por elle, pode e até deve a lei humana tolerar o mal, não pode, todavia, nem deve approvar o nem querel-o em si mesmo; porque como o mal em si mesmo é privação de bem, repugna ao bem commum, que o legislador deve querer e defender quanto possa. Tambem n'isto deve a lei humana propor-se a imitar a Deus, que ao permittir que haja males no mundo, nem quer que os males se façam, nem quer que não se façam, mas quer permittir que os haja, e isto é bom (2), sentença do Doutor Angelico, que brevissimamente encerra toda a doutrina da tolerancia dos males. Mas deve-se confessar, para julgar com acerto, quanto maior é o mal que se hade tolerar na sociedade, tanto mais dista do melhor este genero de sociedade; e além d'isto, como a tolerancia dos males é cousa tocante á prudencia politica, deve cingir se absolutamente aos limites que a causa d'esta tolerancia pede, isto é, ao bem estar publico.

«De modo que, se prejudica este e occasiona maiores males á sociedade, segue-se que deixa de ser licita por fallar em taes circumstancias a razão do bem. Mas se pelas circumstancias particulares d'um Estado succede não reclamar a Igreja contra alguma d'estas liberdades modernas, não porque as prefira em si mesmas, senão porque julga conveniente que se permitam, melhorados os tempos faria uso da sua liberdade; e persuadindo, exhortando, supplicando procuraria, como deve, cumprir o encargo que Deus lhe fez, que é olhar pela salvação eterna dos homens. Mas é sempre verdade que semelhante liberdade, concedida indistinctamente a todos e para tudo, nunca, como varias vezes temos repetido, se deve buscar pelo que em si mesmo é, por ser repugnante á razão que o verdadeiro e o falso tenham direito equal.»

SECÇÃO CRITICA

As igrejas d'outr'ora

Em varias accepções se pôde tomar a palavra—egreja. Nós, porém, somente agora a tomamos n'este sentido—por um edificio, apartado de tudo o que é indecente e profano, e particularmente consagrado para tributar religiosos cultos ao verdadeiro Deus.

Na antiguidade, dava-se á igreja o nome de—*dominico* ou *casa de Deus*, porque «a divindade humana e unica alli reside por uma especial assistencia».

Tertulliano chama-lhe—*casa de pomba*, pela simplicidade, innocencia, e união que devem distinguir os filhos de Deus.

Os antigos tambem chamavam ás igrejas—*martyrio* ou *memoria*, quando ellas estavam edificadas sobre os tumulos dos martyres e dos anachoretas. Por pensamento mais doce e mais philosophico, ainda chamaram a estas igrejas—*cemiterios*, de uma palavra grega que significa—*somno*.

Chamaram tambem á igreja—*oratorio*, porque o seu destino é para alli se pedirem os favores do ceu, e o perdão das culpas: e pelo mesmo motivo se disse—*casa de oração*.

Alguns Padres lhe deram tambem o nome de—*syno*, *concilio*, *conciliabulo*, *altar*, *titulo*, *conventiculo*, e outros muitos que se podem ver em Dufresne.

Origines, respondendo ás arguições dos pagãos, disse formalmente que os christãos não tinham *templos* nem *altares*.

Isto deu logar a que muitos criticos duvidassem da existencia das igrejas nos primeiros seculos do christianismo.

E' evidente, porém, que Origines tomava o nome de *templo* no sentido dos pagãos, que julgavam suas divindades de tal sorte encerradas n'estes edificios, que ninguem podia, n'outra parte, honral-as, veneral-as, e fazelhes supplicas.

Ao contrario, os apologistas do christianismo dizem que o verdadeiro Deus tem por templo o universo inteiro, e que não ha para elle sanctuario mais agradável do que a alma d'um homem virtuoso (1).

Ora é certo que, no tempo dos Apostolos, já havia igrejas. S. Paulo (1 aos Corinth. cap. XI, 22) falla da *Igreja de Deus*, dizendo: «Porventura não tendes

(1) S. Agos., De lib., Livr. 1.º, c. 6, n.º 14.

(1) Deuter. XXXII, 28 e 29.

(2) S. Thom. I, q. 19, art. 9 ad sextum.

(1) Nos quatro primeiros seculos evitava-se cuidadosamente chamar ás igrejas—*templos*. O nome de—*templo*—era dado particularmente aos edificios do paganismo.

casas para comer e beber? ou desprezaes a *Egreja de Deus*, e quereis envergonhar aquelles que não teem nada?... N'esta passagem, S. Basilio, S. João Chrysostomo, S. Jeronymo, Santo Agostinho e outros, entendem por *egreja* não sómente a assembleia ou reunião dos fleis, mas o *logar* onde elles se reuniam.

Crê-se, por uma constante tradição, que o cenaculo, onde Jesus Christo instituiu a SS. Eucharistia, se transformou em *egreja*; e os mesmos Apostolos, como é sabido, continuaram a reunir-se n'esse *logar* tão santo. S. Cyrillo de Jerusalem parece ter isto em vista, quando falla da *egreja dos Apostolos*.

Demais: S. Clemente de Roma diz que Deus determinou o tempo e o *logar* de seu serviço, para que tudo se fizesse com a ordem e piedade convenientes.

Muito mais podiamos adduzir para prova da existencia de *egrejas* na infancia do christianismo: mas... basta.

Com a christandade, pois, principiaram estes logares de oração, mas sem aquella formosura e magnificencia de edificios, que só pela paz de Constantino vieram a conseguir (1).

«Não obstante que o nome de *egreja matriz*, diz o *Diccionario de Educação e Ensino*, fosse dado ás que fundaram os apóstolos, ou os seus immediatos successores, e tambem ás *cathedraes* dos metropolitanos e bispos, pelas razões que são patentes; o tempo introduziu chamarem se *matrizes* as *egrejas parochiaes*, não só quando chegaram a ter outras *annexas*, *obediençiaes*... *succursaes* e *dependentes*, mas ainda quando só tinham algumas *capellas*, *oratorios ruraes*, em que os montanhezes e distantes recebiam al guns dos sacramentos. Estas *egrejas matrizes* igualmente foram chamadas *diocesanias*, por estarem nos limites da respectiva *diocese*... E' bem para notar que até ao meio do VI seculo fosse entre nós tão limitado e diminuto o numero d'estas *egrejas diocesanias*; pois, segundo os fragmentos do concilio de Lugo de 569, que se acham no livro *fidei*, e que já publicou o Contador de Argote, no primeiro numero das *Memorias para a historia ecclesiastica*

(1) As *egrejas maiores* do mundo, com relação ás pessoas que podem conter, são hoje as seguintes: S. Pedro, em Roma, que póde conter 51:000 pessoas; S. Paulo, de Londres, com capacidade para 35:000; S. Carlos, em Milão, 27:000; Santa Petrolina, em Bolonha, 24:000; Santa Sophia, em Constantinopla, 23:000; S. João de Latrão, em Roma, 22:000. Notre Dame, em Paris, 20:000; a *cathedral* de Piza, 12:000; Santo Estevão, em Vienna, 12:400; *cathedral* de Sevilha, 12:000; o Pilar de Saragoça, 11:000; a *cathedral* de Colonia, 10:000.

do *arcebispado de Braga*: a esta *cathedral* só pertenciam umas 27 *egrejas diocesanias*, das quaes 11 eram *pagenses*, ou *pagas*, que talvez tinham suas *annexas*, ou *ruraes*, pois entre ellas se contam *Bragança* e *Panoyas*, *povoações* notaveis no tempo dos romanos, e que não haviam decahido inteiramente no governo dos suevos. Depois d'este tempo se multiplicou maravilhosamente o povo de Deus, e se levantaram, como á porfia, *egrejas parochiaes*, não só nas grandes cidades, mas ainda nas *pequenas aldeias*. (1)

As antigas *egrejas* eram, de ordinario, situadas com a porta para o Poente, de sorte que os fleis, quando orassem, estivessem voltados para o Oriente, testemunhando assim a sua fé na resurreição futura.

Constavam as antigas *egrejas*, pelo menos as mais esperançosas, de varias partes, umas interiores e outras exteriores.

A's exteriores pertencia o vestibulo (*narthez exterior*). O vestibulo era um portico coberto, e sustentado por columnas. N'elle estava a primeira classe de penitentes, denominados—chorrosos (*flentes*), que imploravam as orações dos fleis.

Do vestibulo entrava-se para o claustro, que era semelhante aos que se vêem nas casas religiosas—uma galeria coberta, que cercava o adro descoberto. No meio d'esta uma fonte e tanque, onde os fleis, antes de entrar na *egreja*, lavavam as mãos e o rosto—symbolo da pureza d'alma que é necessario haver no *logar* santo. No tanque estavam gravadas estas palavras:—LAVAI OS VOSSOS PECCADOS, E NÃO SÓMENTE O VOSSO ROSTO.

Aos lados da *egreja*, ainda no exterior, estavam o baptisterio, a sacristia, chamada *secretario* ou *diaconicon*, o pastophorio (nome generico das casas onde residiam os guardas e ministros do templo) e a *eschola* e *bibliotheca*, destinadas para os estudos.

O baptisterio era um edificio bastante amplo, composto de duas partes: uma servia para as ceremonias preparatorias do baptismo; a outra para a ablução ou baptismo.

Passemos agora ao interior das antigas *egrejas*.

Tinham, primeiro, o vestibulo interior (*narthez interior*). Era um espaço estreito e comprido, atravessado diante da entrada, onde os catechumenos e os penitentes chamados—ouvintes (*audientes*), assistiam aos sermões e catechismos. (2)

(1) As primeiras *egrejas publicas* edificaram-se no anno 110, e nas pequenas *povoações* não as houve até ao anno 400.

(2) No que toca aos fleis em geral, a

D'aqui passava-se para a nave por grandes portas, que se chamavam—*regias*, ou porque davam entrada para o palacio do Rei dos Reis, ou porque n'ellas depunham os imperadores e reis suas *corôas*, para entrar no *logar* santo.

A nave era o corpo da *egreja*. Chama-se assim, ou pela forma de nau que algumas vezes tinham (ainda que as havia quadradas), ou para recordar aos fleis que a *Egreja militante* é uma nau, que vai cortando os mares tempestuosos d'este mundo, para chegar ao porto da salvação eterna.

Na parte inferior da nave estavam os penitentes que tinham o nome de—prostrados (*prostrati*), porque assim oravam; e na parte superior, os fleis que commungavam.

Havia uma parede de madeira, que separava as pessoas do sexo masculino das do feminino, de sorte que, vendo todas o altar, não se viam umas ás outras (1).

A' entrada estavam os ostiarios para introduzirem, na *egreja*, os homens; e as diaconisas para as mulheres. Os monges e as virgens, cada una da sua parte, ficavam no sitio mais nobre, para o lado do santuario; os seculares e as casadas, no *logar* immediatamente inferior.

No Oriente, o imperador orava, ordinariamente, no côro (*capella-mór*). Não havia, porém, este uso no Occidente. Note-se que a imperatriz Helena, mãe de Constantino, nunca foi para a *capella-mór*; antes queria orar no *logar* assignalado para as outras mulheres.

No meio da nave demorava o *ambon*, *logar* elevado e assás largo, onde estavam os cantores. Para elle subia-se por degraus. O *ambon* tambem servia para n'elle se lerem as epistolas, evangelhos, determinações dos bispos, etc.. Os bispos prégravam, de ordinario, perto do altar; mas S. João Chrysostomo preferia prégar no *ambon*, para, por todos, ser melhor ouvido.

Algumas *egrejas* tinham tambem *capellas* aos lados da nave.

Adiante da nave estava o côro, a que hoje chamamos *capella-mór*. O côro era separado da nave por uma

corporação dos primitivos christãos distinguia-se em *crentes* ou *fleis*, e *catechumenos*. Era privilegio dos *crentes* serem recebidos á Santa Meza, assistir á oração da *Egreja*, e pronunciar a oração dominical, que Santo Agostinho, por isso mesmo, denomina *oratio fidelium*. Os *catechumenos* não podiam assistir a todas as ceremonias, e só por parabolias obacuras se tratavam os mysterios na presença d'elles.

(1) Muito bom seria que as *egrejas* d'hoje fossem assim...

balaustrada ou grade (*cancelli*). Cobria a grade um cortinado, que não deixava ver o altar aos catechumenos. Quando estes, por ordem dos diaconos, sahiam, e já estavam fóra da igreja, se abria então o cortinado.

A' capella-mór ou santuario dava-se o nome de *absis*, pela sua fórma semi-circular. Aqui elevava-se o throno ou cadeira do bispo, e estavam, aos lados, as cadeiras dos presbyteros, chamadas tambem—thronos segundos.

No meio do santuario estava collocado o altar, separado da parede, de modo que o celebrante ficava com a face voltada para o povo.

O altar era coberto com toalhas, e sobre elle se collocava uma cruz e dois candelabros que ardiam durante as funções sagradas.

Ao lado esquerdo do altar estava a credencia, denominada *prothesis*, onde se collocavam os vasos sagrados, os veos, e o pão; e ao direito uma mesa para os paramentos.

Sobre o altar-mór, ou em outro particular, se guardava a SS. Eucharistia em um vaso do feitio d'uma torre ou de uma pomba, suspenso por cordões de seda, pelos quaes se elevava ou descia, conforme era necessario. Tambem a Sagrada Eucharistia se conservava em vasos da fórma de pombas, nos baptisterios, para alli se administrar a sagrada communhão aos novos baptisados.

Ahi fica uma resumida descripção das igrejas d'outra.

Padim da Graça—Julho de 1890.

Padre Joaquim José Soares.

SECÇÃO NECROLOGICA



José

Meu heroe é, em sua memoria, José de Carvalho Daun e Lorenna, dos marquezes de Pomal, fallecido em 31 de março do corrente anno.

Fallando do nosso sangue temos de nos ter n'um equilibrio, que nos affaste a immodestia e a injustiça; e porque são nossos poderemos deixar de narrar d'elles o que deixaram como exemplo? Não! Dá-se a hypothese e nós obedecemos *Ad maiorem dei gloriam!* José de Carvalho recebeu a educação catholica de seus catholicos paes;

para a cultura litteraria teve mestres particulares, e depois entrou no collegio catholico de Scott na Inglaterra. d'onde mais tarde passou a Louvain, séde da notavel Universidade Catholica na Belgica.

Passado algum tempo voltou a Portugal e poucos annos depois casou com a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Amalia Machado Castello Branco, dos condes da Figueira; de tal consorcio que uniu para a vida José de Carvalho a uma damadonzella, dotada por Deus com fé, intelligencia e candura. houve descendencia, sendo os primeiros nascidos duas meninas, que na idade innocente Deus se dignou chamar para os Coros dos Anjos!

N'este tempo já José de Carvalho estava entrado em sua vida de homem entre os homens; sempre catholico e apresentando-se tal, é certo, como affirmava a respeitabilissima viuva, que a morte das duas filhas fez crescer n'elle o fervor religioso: assim a Misericordia Divina compensa os que a mesma Divina Potencia prova! O Céu abriu um vasto campo de labor a José de Carvalho, que no mesmo foi um assiduo trabalhador, preparado com a observancia dos preceitos de Deus e da Santa Igreja, com a frequencia dos Sacramentos, com a oração em diferentes horas de cada dia. Bom marido, bom pae, bom filho; e como não seria bom parente, sendo elle sempre bom para todos que sollicitavam seus officios e a ponto de apparecer em José de Carvalho um reflexo do que dizia de si o apostolo S. Paulo: *Omnibus debitor sum!*—«Devo me a todos!» Disse um reflexo para ficar na verdade e repellir a lisonja, que nem a respeito dos mortos é permittida, por isso que é mentira a lisonja. No serviço immediato, directo, da Religião Catholica Apostolica Romana os trabalhos de José de Carvalho foram tantos e taes, que mais se pôde em relativamente rapido escripto alludir a elles do que referir os, e a synthese diz tudo quando feita com a commemoração da altissima honra, distincção e affecto com que Sua Santidade Leão XIII recebeu e teve em sua audiencia José de Carvalho por algumas vezes; e para que aquella altissima benevolencia fosse conhecida tambem fóra do Vaticano, foi pelo mesmo Soberano Pontifice nomeado José de Carvalho: commendador da Ordem Pontificia Piana, e camareiro de Sua Santidade na ordem dos seus camareiros de Espada e Capa; e com o consentimento Pontificio expressado ou tacito teve ainda José de Carvalho a nomeação de Alto Procurador da Ordem do Santo Sepulchro com as insignias de Grã-Cruz.

Com estas menções ficamos dispen-

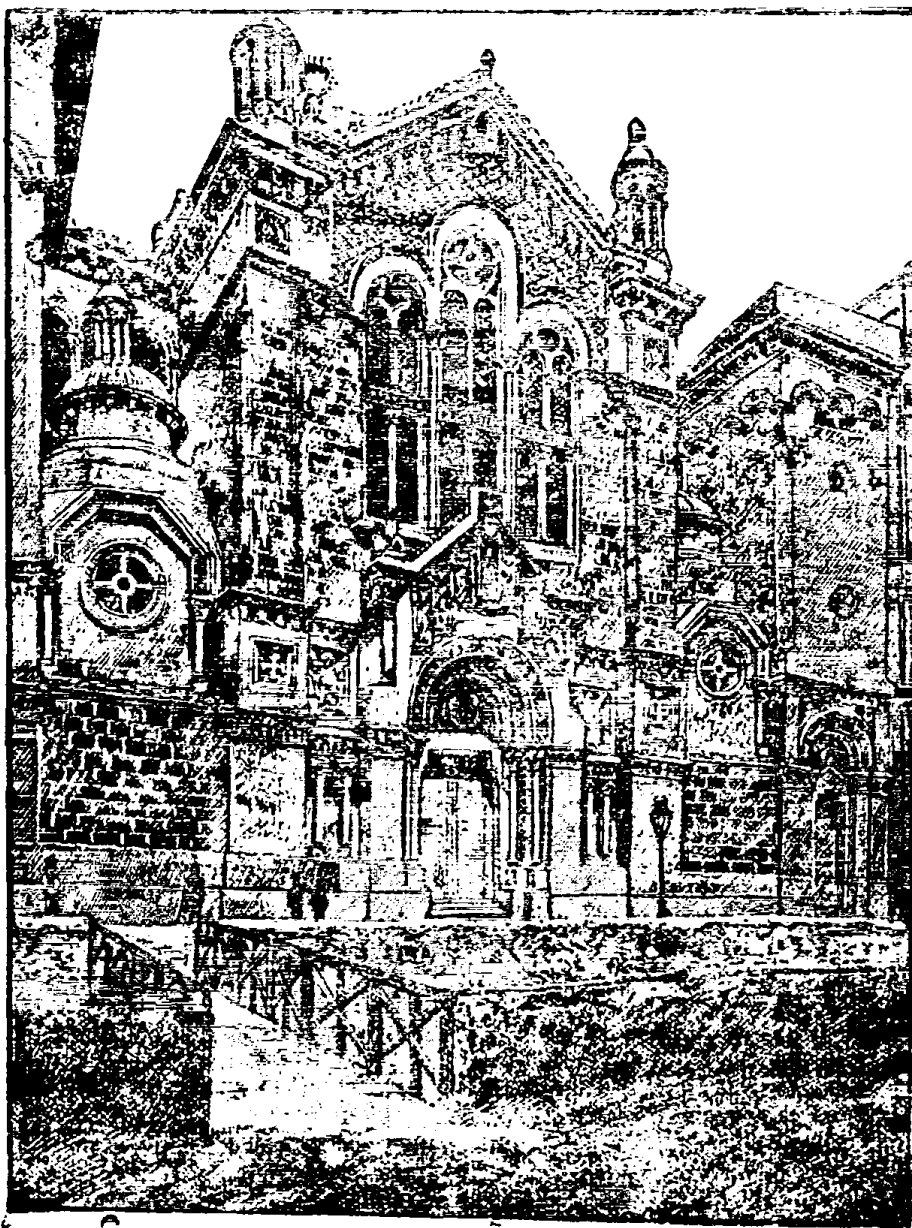
sado de commemorar e mais mencionar aqui os trabalhos de José de Carvalho no serviço da causa de Deus! A actividade de José de Carvalho, a sua como reproducção em fazeres era tal, que quasi fazia admiração, e nunca apresentando-se acabrunhado. Seus associados ou socios em diferentes lidares respeitavam seu character, apreciavam sua intelligencia, tinham gaudio em trabalhar com elle. Trabalhou muito no meio do mundo, mas sua fé practica catholica preservou-o de ser contaminado por elle. Homem de ordem e prevenção, José de Carvalho fez o seu testamento ainda no vigor da vida e da saude; este documento é uma peça exemplar pelos sentimentos catholicos exarados alli, pelo multiplice cuidado com que attendeu ao que lhe cumpria; o Diabolus não pôde lá entrar.

Foi curta a doença de que falleceu José de Carvalho, mas que quadro n'aquelles poucos dias! Foi um quadro todo encadeado na Fé Catholica por parte do enfermo, por parte da exemplar esposa, por parte dos innocentes filhos e de todos os assistentes.

O tão querido padecente, que poucos dias antes em boa saude se tinha confessado e commungado, requisitou os Sacramentos dos enfermos; recebeu os mui exemplarmente, fazendo a communhão espiritual, pois que a real lhe foi impossivel em consequencia dos repetidos vomitos; teve tambem a graça de receber a benção do Vigario de Christo *in articulo mortis*; confortado com todos estes bens espirituaes, despediu-se da cara esposa e dos filhos, dos outros assistentes, e fazendo uma commovente exhortação, cheia de fé; a todos pediu perdão, e ao seu respeitavel sogro conde da Figueira recomendou sua mulher e filhos, recommendação que já antes tinha feito ao seu venerando confessor. Começou o officio da agonia, e José de Carvalho acompanhou o todo na forma do Ritual. E, entregando sua alma ao seu Divino Creador, expirou! Ditosa morte! Uma circumstancia da ultima hora; disse e repetiu a todos que o rodeavam, que aliás bem o sabiam: «Não tenho o bem de receber o Sagrado Viatico, por isso que meus vomitos são com pequeno intervallo». Temia que alguém dos não assistentes se podesse persuadir que lhe tinha faltado a vontade, temia dar escandalo e tanto mais que hoje morrem tantos sem o Sagrado Viatico, e mesmo sem confissão, não tanto ou sem culpa dos enfermos, mas sim dos que os rodeiam; não consta que fallecesse um enfermo porque lhe fallassem em Sacramentos; tremenda responsabilidade!

Tivemos a satisfação e honra de ouvir da bocca do Venerando Bispo do

Funchal: «O «Domingo Catholico» é muito lido na minha diocese». Tal publicação periodica na defeza dos interesses catholicos teve por fundador, ou socegou logo que seu caritativo con- fessor lhe disse: Obedeca-me, a obe- diencia é do agrado de Deus! De con- tinuo osculava o Crucifixo e recom- Balsamo para a edificante viuva e para toda a familia! Edificante viuva, que está sendo um exemplar de conformi- dade com a vontade de Deus, confor-



FACHADA DA IGREJA DOS PADRES JESUITAS EM BARCELONA

ao menos como co-fundador, José de Carvalho. Perto da morte teve o nosso José de Carvalho um intermittente tres- vario; n'este mesmo foi religioso, le- vantou um ardente viva a Nossa Se- nhora de Lourdes, quiz ir à capella; mentou a todos: que tivessem muita fé, e que se vissem n'aquelle espelho, sim no: *Hodie mi, cras tibi!* A morte christã é o passamento no tempo para a vida eterna! *Beati mor- tui, qui in Domino moriuntur!* Que- midade que no dizer de Santo Affonso de Ligorio é a verdadeira felicidade n'esta vida! A Magestade Divina dá-nos a cruz, e Ella mesma nos ajuda a le- val-a! E' este auxilio que nos torna o jugo suave, e o peso leve!

Uma morte como a de José de Carvalho, salvo o justo tributo do coração, não é para pezames, mas sim para felicitações; as saudades regadas com o orvalho da Fé não opprimem, alliviam. José de Carvalho era irmão do actual marquez de Pombal, cujos sentimentos catholicos são bem notorios e cuja amizade pelo seu fallecido irmão foi ainda provada junto do leito de doença e morte do nosso heroe.

Que grande ventura o deixar á familia e á sociedade um grande exemplo! é como ficar ainda vivendo *post mortem* entre os que são deixados. Deus dignou-se conceder tal graça a José de Carvalho, aliás não nos sendo prohibido, embora a pia crença de que está feliz para sempre, o recitar por sua alma o

R. I. P.!

3—7—90.

Dom Antonio de Almeida.

Depois de dolorosos soffrimentos, falleceu a Ex.^{ma} Snr.^a D. Egracia d'Almeida, esposa do nosso amigo e assignante, o Ill.^{mo} Snr. Lucinio Fernandes da Trindade. Era uma senhora de muito bom coração, e muito caridosa com os pobres.

A seu esposo e mais familia os nossos sentidos pezames; e aos bons leitores do *Progresso Catholico* uma prece pela alma da fallecida senhora.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Os Esplendores da Fé

CHIA-SE publicado o tomo II dos *Esplendores da Fé* do revd.^o Moigno, versão portugueza do snr. Padre Francisco Manoel Vaz, editada pelo snr. Antonio Dourado na cidade do Porto. Forma um grosso volume de 756 paginas de texto e 128 de appendices, nitidamente impresso em excellente papel.

Sendo o objecto do sabio auctor d'esta obra importantissima patentear o «accordo perfeito da revelação e da sciencia, da fé e da razão,» comprehende-se que não é uma publicação meramente piedosa ou religiosa, no sentido restricto d'estas palavras; mas um trabalho de largo folego que, to mando por base a religião, e pedindo á sciencia verdadeira e á razão são dados seguros e as conclusões rigorosas a que uma e outra até agora teem chegado, demonstra que, longe de existir entre estas e aquella a opposição ou o divorcio que a impiedade e a falsa ou meia sciencia pretendem afirmar, ao contrario todos aquelles

dados e conclusões convergem para pôr em evidencia a verdade da grandiosa these assente pelo eminente escriptor.

N'este tomo II trata se de assumptos da maxima importancia, para indicar os quaes fôra necessario transcrever todo o indice; apontarei comtudo alguns d'elles, unicamente como amostra: «Inspiração dos livros Santos; e A Sciencia da Biblia; A Comosgonia de Moysés; Origem das especies; Incoherencia e falsidade do Darwinismo; A Creação do homem; O homem, rei da criação; Unidade de origem do homem; As linguas e a unidade da especie humana; Antiguidade do homem; As edades successivas da humanidade; Os animaes contemporaneos do homem; O homem fossil, etc.» Nos appendices resumem-se ou analysam-se obras importantes sobre os assumptos tractados no texto, ou que com elles se relacionam.

Aos leitores d'esta revista a quem não hajam passado despercebidos varios artigos meus acerca do revd.^o Moigno e da sua obra monumental, *Os Esplendores da Fé*, não será estranho que sou entusiasta d'um e d'outra. E parece-me que bemmerecem os entusiasmos de todos os homens de fé. um pela convicção profunda e ardor indefesso com que emprehendeu e levou ao cabo o seu assombroso trabalho, e a outra pelo cabedal enorme, prodigioso, de sciencia que encerra.

Repetirei que á traducção portugueza não falta um dos requisitos indispensaveis em obras de tal natureza: a auctorisação e approvação do Ordinario, o Em.^{mo} snr. D. Americo, Cardeal-Bispo do Porto.

Vê-se do pouquissimo que deixo dito qual a elevada importancia dos *Esplendores da Fé*: são como que um archivo copiosissimo, aonde podem ir colher-se doutrinas e argumentos decisivos para responder aos sophismas e petulantes asseverações da falsa sciencia e da incredulidade. E hoje qual de nós, — sacerdotes ou leigos, — que seja catholico de convicção e d'acção, não precisa d'andar sempre vestido de boas armas contra os ataques audazes dos inimigos da sua fé e de sua mãe, a Santa Igreja?

Não me cançarei pois de repetir quam util, quam indispensavel seja a obra admiravel de que me occupo aos catholicos em geral, e em especial aos ecclesiasticos ou que aspiram a selo; porque hoje mais talvez do que nunca é necessario que o clero seja espelho de moral e pharol de sciencia, *sal terræ et lux mundi*, porque hoje mais talvez do que nunca são numerosos, ousados e pertinazes, os adversarios da religião christã.

E dando sinceros parabens ao snr. Antonio Dourado pela louvavel coragem com que realisa o arrojado emprehendimento de obras do tomo e quilate dos *Esplendores da Fé*, do *Anno Christão*, dos *Exercicios de Perfeição*, etc., faço ardentes votos porque os catholicos portuguezes tomem na merecida consideração os seus heroicos esforços, auxiliando o e alentando-o convenientemente. Não se diga que em Portugal, por falta de coadjuvação, de finha e caia de inanição um animoso editor de obras catholicas, ao mesmo passo que prosperam os de livros profanos e até corruptores e infestos á sociedade.

A. Moreira Bello.

Recebemos a *Oração Funebre do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas solemnes exequias celebradas na egreja do Seminario Conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890 por Monsenhor Rodrigues Vianna.*

Monsenhor Rodrigues Vianna é um dos mais notaveis oradores sagrados da actualidade. Fluente e erudita, a sua palavra é sempre ouvida com o respeito que merece um verdadeiro sacerdote de Christo e um sabio christão. Pena é que s. rev.^{ma} se não dedique mais aos trabalhos do pulpito. Desempenhando a espinhosa missão de director espiritual dos seminarios do Porto e dos Carvalhos, gasta toda a sua actividade na direcção dos futuros levitas, e apenas, de longe a longe, furta alguns momentos a estas inadiaveis occupações para se fazer ouvir no pulpito sagrado, de que é distincto ornamento.

A *Oração Funebre* do snr. Arcebispo de Larissa é uma das mais bellas obras d'arte d'este distincto cinzelador da palavra. Merece lêr-se e archivar-se.

O seu preço é de 250 reis. Vende-se no Porto em todas as livrarias e em Guimarães na de Teixeira de Freitas.

RETROSPECTO

A sahida do Papa do Vaticano.— Todos os jornaes portuguezes publicaram um telegramma de Roma em que se dizia que o Papa tinha sahido do Vaticano e passara por uma rua d'Italia. Passados dias, esses mesmos jornaes publicaram noticias, por certo transcriptas dos jornaes *italianissimos*, confirmando a sahida do Papa do Vaticano. Apenas lemos o telegramma e as noticias, puzemos de reserva estas informações, porque, quem conheça algo das relações entre o Vaticano e o Quirinal, e haja lido as Encyclicas e os discursos do Santo Padre, via logo á

primeira vista a falsidade da noticia, espalhada. Effectivamente os jornaes catholicos desmentiram o telegramma da agencia Stefani: o Papa não sahira do Vaticano; passára, sim, pela rua Fundamenta, mas esta via é territorio da Santa Sé e não da Italia.

Foram, pois, destruidas as machinações do governo italiano.

Para que os leitores tenham conhecimento do que foi a tão cacarejada sahida do Papa do Vaticano, transcrevemos em seguida as palavras d'um correspondente de Roma para um collega hespanhol:

«Ha em Roma uma *Agencia telegraphica*, encarregada de dar noticias aos jornaes italianos e estrangeiros, semelhante ás agencias telegraphicas *Reuter*, de Londres, *Wolff*, de Berlim, *Fabra*, de Hespanha, *Havas*, de França, etc., etc. Esta de Roma chama-se *Agencia Stefani*, e foi sempre mais ou menos officiosa em troca dos favores especiaes que tem por contracto do governo italiano. Porém, para o sr. Crispi, o autocrata soberano da Italia, a *Agencia Stefani* é mais que officiosissima; muitos dos telegrammas que expede são dictados e communicados pelo proprio governo; e em caso nenhum pode expedirse um telegramma por esta agencia sem o visto e beneplacito do ministro do interior.

«Isto é rigorosamente exacto.

«Assim, o servilismo da *Agencia Stefani* é tanto, tão humilhante e tão singular, que a *Agencia Havas*, que estava colligada com a *Agencia Stefani*, teve que separar-se d'ella e tem agora em Roma um correspondente especial telegraphico.

«Pois bem: esta *Agencia Stefani* deu, na segunda feira passada, a todos os jornaes, seus assignantes, a estupenda noticia de que o Santo Padre, tendo ido visitar o *atelier* de escultor Aureli (que esculpiu em marmore uma estatua de Santo Thomaz d'Aquino para a bibliotheca Vaticana), situado no pateo do Vaticano chamado *Belvedere*, sahido do seu palacio para percorrer a rua da *Fondamenta* em carruagem, escoltado pela guarda nobre, tocando assim o territorio italiano para se dirigir aos jardins do Vaticano pela porta dos Museus; e que tendo passado juncto à Moeda, onde ha um piquete de soldados italianos de guarda, estes apresentaram armas como honras apresentadas ao Papa, que os abençoou.

«Isto é inexacto, e por todos os modos insignificante. O Santo Padre, depois de visitar o *atelier* do escultor Aureli, devia dar o seu costumado passeio pelo jardim. Porém, para não voltar para traz, atravessar outros pateos do Vaticano e tornar a subir aos seus aposentos para d'ahi se dirigir ao jar-

dim, resolveu sahir o portão chamado dos *Papagaios*, percorrer uns 50 metros, o maximo, da via da *Fundamenta*, e entrar nos jardins pela porta chamada dos Museus, que é aquella por que se entrava, como muitos hespanhoes se recordam, para a Exposição Vaticana.

«Estes 50 metros de rua, fechada de um lado e outro por paredes, pôde afoitamente dizer-se que pertencem ao Vaticano, e tanto assim é, que, em um ponto d'ella, ha uma cancella de ferro, que todas as noites é fechada pelos guardas suissos pontificios, que são quem teem as respectivas chaves.

«Não pôde, portanto, dizer-se, que o Papa sahisse do Vaticano.

«Quanto aos soldados italianos apresentarem as armas ao Papa e serem por elle abençoados, é uma pura fabula.

«Posso affirmar por auctoridadissima noticias particulares, que em frente da Moeda só havia uma sentinella italiana, a qual vendo passar a carruagem com os guardas nobres, sem verdadeiramente saber se era ou não o Papa, e temendo faltar ao regulamento, já apresentando, já não apresentando as armas, com medo de se comprometter, metteu se dentro da guarita, até que passasse a carruagem, em que lhe parecia e não parecia que fosse o Papa; e portanto nem houve honras militares por parte dos soldados, nem benção do Papa para elles.

«Mas, ainda que tudo isto tivesse succedido, que consequencias queriam e poderiam tirar os liberaes e o governo?

«Seguramente, nenhuma.

«A coisa é tão evidente, que os proprios liberaes a admittiram e confessaram. Mas o que é soberanamente ridiculo, é a importancia que o governo quiz dar a este pequeno incidente, ao fazel-o divulgar pela *Agencia telegraphica Stefani*. Quem sabe ao que o sr. Crispi visaria com esta publicação! Mas não conseguiu nada, ou, se alguma coisa conseguiu, foi justamente o contrario do que podia desejar. Porque a opinião publica e toda a imprensa não se impressionam com algumas noticias dadas, a seu modo, pela officiosa Agencia; o que significa, pelo menos, que a todos interessa o acto mais insignificante d'este Pontificado, que os liberaes teem dito e repetido «estar morto e para sempre enterrado.»

Lá se foi pela agua abaixo a fabula da sahida do Papa do Vaticano.

E' mais uma decepção para o sr. Crispi, que anda em maré d'infelicidades.

Peregrinação a Lourdes.—«A segunda solemnidade da peregrinação espirital em Lourdes coincidia com o dia 15 de julho—diz a *Semaine Religieuse*, de Bayonne, d'onde transcrevemos a

noticia que vae lèr-se—e é impossivel avaliar o numero d'aquelles que se associaram de longe a esta festa, enviando um obolo para a igreja do Rosario e offertas de fervorosas orações pelo Santo Padre, pela Igreja e pela paz do mundo.

«As estações thermaes dos Pyreneus tinham enviado a *élite* de seus hospedes. Notavam-se entre os peregrinos o abbae eleito de Gethsemani, nos Estados-Unidos, um trappista de Septfonds, o superior dos Padres Salesianos de Nice, um professor do Instituto catholico de Paris, etc.

«Vinte e sete militares da guarnição de Bordeus formavam uma bella corò em redor do altar da Gruta. O seu veneravel capellão, o sr. Padre Boyer, celebrava o Santo Sacrificio para elles. Não pôde imaginar o recolhimento, a expressão de fé que se lia em todos os rostos. Estes dignos representantes de 500 mil homens, de que se compõe o nosso exercito, cantavam com um accento que penetrava até à alma:

Parle à nos coeurs, que faut-il pour te plaire?
Nous sommes prêts, vois ici tes enfants.
Prêtex l'oreille, ange du sanctuaire:
Plûtôt mourir que trahir nos serments.

(Falla aos nossos corações; que é necessario fazer para te agradar? Preparados estamos: eis-aqui teus filhos. Ouvimos, anjos do sanctuario: antes morrer do que trahir nos juramentos.)

«Estes juramentos os conheciam elles. O seu excellente director lhes havia ensinado que um bom soldado não deve esquecer nas bandeiras os votos sagrados que fez na sua infancia. Todos prometteram, pois, ser, durante o serviço militar, bons soldados e bons christãos, fleis a Deus e à patria.

«Receberam juntos o pão dos fortes, e, de vela na mão, escoltaram o Rei dos reis até à igreja do Rosario.

«Nos dois dias seguintes reuniram-se de novo junto à Santa Meza.

«Um estrangeiro, que foi testemunha d'esta scena, exclamou: «Se todos os soldados commungassem, que força não teria o nosso exercito e quam grande seria a nossa patria!» Ouvimos a viuva d'um official superior, commovida, fazer a seguinte rellexão: «Ah! os valentes! Como só de vel-os pulsa o meu coração!»

Devia, realmente, ser um quadro admiravel!

Conversão de protestantes.—N'uma capella rural, sita no extremo occidental do condado de Corla (Irlanda), mais de 50 familias protestantes abjuraram os erros da heresia para abraçar a fé catholica. A abjurção foi feita nas mãos do Padre Crowley, depois da missa.

Terminado o augusto sacrificio, um dos mais considerados dos novos convertidos, homem instruido e de boa

posição social, tomou a palavra em nome de todos os neophitos e declarou que ha tempos tinham pensado e resolvido abraçar a verdadeira religião, e que recentes acontecimentos haviam aberto seus olhos para lhes fazer ver com mais evidencia onde se encontra realmente a verdadeira caridade christã, servindo estes factos para apressar o momento de realisarem os seus desejos.

Desde então as conversões amiam-se tanto, que é possível que o ministro protestante veja em breve a sua grey reduzida áquelle «pusillus grex», de que falla Swift, que se compunha d'um clérigo e d'um sacristão.

Infelizmente, já não é o Padre Crowley que recebe as novas abjurações, por ter sido preso, victima da sua caridade para com os transviados. O Padre O'Driscoll, que o substituiu, n'um sermão commovedor que dirigiu aos seus freguezes, exhortou-os a permanecerem fieis aos ensinamentos do seu digno pastor encarcerado, recomendo-lhes que, sem faltarem na minima coisa ás leis vigentes, mantenham todavia com firmeza a bandeira dos seus conculcados direitos.

E a Igreja de Deus a esboroar-se! segundo businam por toda a parte os inimigos de Deus. Doidos, que fingem ignorar que a Igreja tem por si as promessas de Christo, que não podem falhar!

Ajuração.—Na Hespanha, graças á divina Providencia, teem ultimamente abandonado o erro alguns individuos, que, até agora, eram ferrenhos assclas de Satanaz. D'algumas abjurações publicas teem conhecimento os presados leitores: e como julgamos que lhes é agradável conhecer as que se vão dando, transcreveremos o seguinte, que encontramos n'um collega hespanhol:

«Illa seis annos que, loucamente indusido por alguns maus amigos, me separei das praticas religiosas, e como um abysmo chama outro abysmo, cheguei até á enormidade de duvidar de Deus e de seus santos mysterios, e com o pseudonymo *La Verdad* escrevi varios artigos em periodicos clandestinos contra a Religião e contra uma comunidade religiosa, de tudo o que, arrependido por effeito da misericordia de Deus, me retracto e confesso que tudo quanto disse é falso, escandaloso, heretico e calumniador, e rogo a todos quantos leram meus perversos escriptos peçam a Deus por este desgraçado para que tenha misericordia de quem se assignava *La Verdad*.—*Carlos Saavedra Orellana.*»

Orellana procedeu como homem de bem. Depois de ter sido um desgraçado calumniador, a graça de Deus tocou-o, e, arrependido do mal que fez, teve coragem para o reparar, decla-

rando publicamente que tudo quanto dissera contra a Religião e uma comunidade catholica era falso.

Louvores a Orellana! Quantos, calumniadores como elle, não lhe imitarão o procedimento por simples respeito humanos! Nosso Senhor lhes toque os corações.

O casamento civil.—O snr. Bispo de Malaga dirigiu aos parochos da sua diocese uma circular para que levassem ao animo de seus freguezes a convicção de que o matrimonio civil não está auctorizado por Deus, e de que os que se unem civilmente devem fazer ante o administrador do bairro previa abjuração da fé catholica. O snr. Bispo queixa-se de que haja administradores de bairro que, por odio á Igreja ou por desavenças com os parochos, casem pessoas notoriamente catholicas.

São justas as censuras do snr. Bispo de Malaga.

Como se prova que a maçonaria não se ingere na politica.—Na accla da sessão celebrada pela Grande Loja de França no dia 29 d'outubro de 1889 figura o seguinte periodo:

«O mui illustre Sr. Moreau, grau 33.º, foi calorosamente felicitado pela sua recente eleição para deputado ás côrtes, eleição que o interessado confessou *dever á franc maçonaria*, cuja influencia é mui grande na provincia do Norte.»

Pois apesar d'esta declaração, que não dá margem a duvidas, não deve causar admiração a ninguem se ouvir dizer aos Irmãos Tres Pontos que a maçonaria não se intromette na politica e a sua instituição é meramente philantropica. Voltaire, quando disse aos seus correligionarios: «Menti, menti sempre, que algo se colhe», não dirigia as suas palavras aos cães.

O liberalismo e as Ordens Terceiras.—Na Ordem Terceira Franciscana de Salamanca foi resolvido não admitir pessoa alguma que professe ideias liberaes, e que não ajuste completamente os seus principios aos ensinamentos do *Syllabus*.

Os novos professores d'esta mesma Veneravel Ordem Terceira já prometteram solemnemente, nas mãos do Visitador, não pertencer nem dar seu nome, nem cooperar para sociedade alguma ou partido politico em que se professe o liberalismo, condemnado pela Igreja.

Bem procedeu a Ordem Terceira Franciscana de Salamanca.

Por cá temos quasi a certeza que esta justa resolução não será adoptada. E como o poderia ser se, com raras excepções, á frente da administração d'essas Ordens estão membros da troilha e avental? Principalmente no Porto e Lisboa é... uma miseria! Ainda ha pou-

co tempo... Mas é melhor não dizer nada.

Exposição do hospital de S. Francisco, distribuição de premios e inauguração do museu.—No domingo, 3 do corrente, esteve em exposição o hospital de S. Francisco, da cidade de Guimarães, o qual se achava, como sempre, na melhor ordem e aceio, devido ao zelo das benemeritas Irmãs Hospitaleiras, que são desveladissimas no cumprimento de seus deveres. O hospital foi muito visitado e elogiado por pessoas que n'este dia estavam de visita em Guimarães.

Tambem se effectuou no mesmo domingo a sympathica festa da distribuição dos premios aos alumnos das aulas da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Estava o salão repleto de gente. A festa começou ás 11 horas da manhã. Presidiu á distribuição o Ex.º Sr. Dr. Mendes Ribeiro, ministro da ordem, que pronunciou um excellentes discurso, demonstrando a vantagem da instrução religiosa. Em seguida os alumnos recitaram poesias e discursos. A menina Catharina, filha do nosso amigo o Snr. Antonio José da Silva Ferreira, cantou com muito gosto e habilidade ao piano, sendo muito applaudida.

Depois representou-se uma comedia, no desempenho da qual tomaram parte alguns meninos, que se houveram muito bem.

Foi, enfim, uma festa que deixou gratissimas recordações a todas as pessoas que a ella assistiram; nenhuma das quaes regateou os merecidos elogios ás prestimosas Irmãs Hospitaleiras, que tantos e assignalados serviços estão prestando aos vimaranenses.

Inaugurou-se tambem no mesmo domingo o museu da Ordem de S. Francisco. Foi muito visitado. Viam-se alli objectos muito apreciaveis pela sua antiguidade e rico trabalho, como uma formosa custodia muito antiga, pertencente á Ordem; uma outra d'uma freguezia do concelho; o historico calice de D. Dulce, feito em 1222; outro, tambem historico, muito largo, em forma de vaso; uma riquissima capa bordada em alto relevo a matiz, pedras e ouro; uma linda cruz de perola; um formoso quadro a oleo, em cobre, representando Judith degolando Holofernes; um grande quadro com o retrato da rainha D. Mafalda; outro já bastante deteriorado, mas de grande estimação, pois, segundo uma indicação que tem, data de 1370, e ainda outros quadros antigos e objectos historicos.

N'uma meza estava collocado um livro intitulado—*Impressões da igreja, museu e hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Guimarães*—, collaborado por distinctos escriptores.

Prospecto para o decimo terceiro anno
DO
O Progresso Catholico

REVISTA QUINZENAL

DE

RELIGIÃO, SCIENCIA, CRITICA, LITTERATURA, ARTES E NOTICIAS

HONRADA COM A BENÇÃO DO SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII

Esta Revista é illustrada com esplendidas gravuras, representando retratos de Prelados e homens notaveis da Igreja; monumentos, cidades importantes, copias de quadros, imagens, etc., etc., etc.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro

PROGRESSO CATHOLICO, ao encetar, com a benção de Deus, o decimo terceiro anno de sua publicação, está, como já declarou no começo do anno prestes a findar, resolute a sustentar o programma seguido. Quanto em si cabe, procurará não desmerecer do acolhimento que lhe tem concedido os catholicos portuguezes, ministrar-lhes-á artigos interessantes, que os ponham ao corrente do movimento religioso, scientifico, politico e litterario; e fornecer-lhes-á, continuamente, uma folha de romance dos mais conceituados auctores, em que sob a amenidade da forma se encontrem idéas de sã moralidade e pura doutrina, para contrapêso dos assumptos em demasia torpes e nefandamente impios, de que anda infleccionada a ruim imprensa, cujo scopo unico é locupletar-se a si pela perversão alheia.

Os romancesinhos que se forem publicando, vender-se-ão em separado, para os que, não sendo assignantes, os desejem conhecer.

PROPAGANDA

Longe está o PROGRESSO CATHOLICO de atingir o supremo grau de seu desenvolvimento. Passo a passo, tem chegado a muito, desde seu apparecimento; carece porém de ascender a mais. E para isso contamos com a boa vontade e zelo dos nossos presados assignantes e amigos, para os quaes appellamos, pedindo-lhes que nos grangeiem duas novas assignaturas, pagas adeantadamente. Em compensação, e para testemunharmos áquelles que nos angariem novas assignaturas a nossa gratidão, offerecer-lhes-hemos um formoso volume—OS DEVERES DOS PAES E DAS MÃES, devido á penna do illustrado e piedoso auctor do *Memoriale vitæ sacerdotalis*, tão conhecido do clero.

Aos que obtiverem tres novas assignaturas, PAGAS ADEANTADAMENTE, continuará a conceder-se-lhes a edição de luxo da nossa Revista.

Todos os actuaes assignantes, ou os que de novo advierem, em pagando sua assignatura, gozam do direito de requisitar quaesquer livros DAS NOSSAS EDIÇÕES com o desconto de 40 0/0, consoante o preço marcado na secção dos annuncios ou nos catalogos que havemos distribuido.

AS NOVAS ASSIGNATURAS

Prevenimos os nossos bondosos assignantes que nos queiram honrar com novas assignaturas a graça de as mandar antes de principiari o novo anno, para não acontecer como no corrente, em que se esgotaram todos os n.º antes do meio anno, não podendo, por isso, satisfazer a muitas assignaturas que vieram mais tarde.

UMA SATISFAÇÃO DEVIDA

Aos snrs. assignantes a quem foi offerecido um volume dos *Deveres dos Pais e das Mães* por angariarem assignaturas para o presente anno, e ainda o não receberam, pedimos desculpa.

Este precioso livro vae breve entrar no prelo e depois cumpriremos a nossa palavra. Os que teem de ser contemplados, angariando mais assignaturas para o futuro anno, teem direito a receber outra obra das nossas edições do mesmo preço.

Todos os assignantes que satisfizerem o pagamento de suas assignaturas atrazadas e do futuro até fins de setembro, tem de gratificação 1 exemplar do *Mes d'Outubro*.

O assignante n.º _____ nome _____
grangeou as assignaturas abaixo mencionadas, e encia por isso a quantia de \$ _____ reis para pagamento das mesmas.

NOMES	RESIDENCIA E CORREIO